

# O rompimento do frasco (Mc 14,3)

## The breaking of the flask (Mc 14.3)

*Francisca Antonia de Farias Grenzer\**  
*Matthias Grenzer\*\**

**Resumo:** Em Betânia, uma mulher rompe um frasco de perfume, a fim de derramar o seu conteúdo sobre a cabeça de Jesus. Como compreender, exatamente, essa ação narrada em Mc 14,3? Porventura se trata de um gesto irracional? Por que destruir um frasco precioso, sendo que ele poderia ser usado novamente? Ou era necessário e até comum quebrar o frasco, para usar a essência aromática nele contida? Surge, com isso, também a pergunta a respeito das eventuais conotações simbólico-teológicas do ato realizado pela mulher em Betânia. O estudo aqui apresentado visa a três elementos: uma pesquisa histórica sobre frascos de perfume no mundo antigo, o estudo semântico do vocabulário presente em Mc 14,3 e a leitura teológica do detalhe do rompimento do frasco de perfume.

**Palavras-chave:** Evangelho segundo Marcos, Jesus, mulher, frasco de perfume, rompimento.

**Abstract:** In Bethany, a woman breaks a flask of perfume in order to spill its contents over Jesus' head. How can we understand more precisely this act narrated in Mark 14:3? Perhaps this is an irrational gesture? Why destroy a precious flask as it might be used again? Or was it necessary or even common to break such a flask to use the aromatic essence it contained? Appearing with this is a question with respect to possible symbolic-theological connotations implied in the act of the woman from Bethany. The aim here is to present an historical study of flasks of perfume in the ancient world, a semantic

---

\* Graduanda na Faculdade de Teologia da PUC-SP. A *Comunicação* foi apresentada na Semana Teológica, no dia 12 de maio de 2015, evento acadêmico anualmente organizado no Curso de Graduação.

\*\* Doutor em Teologia Bíblica e Mestre em História. Professor na Faculdade de Teologia da PUC-SP.

study of the word “break,” and a theological reading of the narrative detail of the breaking of the flask.

**Keywords:** Gospel of Mark, Jesus, woman, flask of perfume, breaking.

## Introdução

Nas tradições do Novo Testamento, aparece, por três vezes, a expressão *frasco de perfume* (cf. ἀλάβαστρον μύρου em Mt 26,7; Mc 16,3d; Lc 7,37).<sup>1</sup> Além disso, no mesmo contexto, o Evangelho de Marcos apresenta o substantivo *frasco* (cf. ἀλάβαστρον em Mc 14,3e) sem identificá-lo com o *frasco de perfume*. Isso, por sua vez, não é necessário, uma vez que o Evangelho de Marcos insiste na identificação do *frasco* justamente no meio-versículo anterior.

Em relação ao(s) recipiente(s), os evangelistas Mateus, Marcos e Lucas apresentam uma *mulher* ou mulheres diferentes como dona(s) do(s) frasco(s) de perfume. Aproveitando a presença de Jesus em *Betânia, na casa de Simão, o leproso*, Mateus e Marcos narram como *uma mulher* se aproximou a Jesus e *derramou* o conteúdo do recipiente, *um nardo puro e caríssimo, sobre a cabeça* daquele que, em Jerusalém, já se encontrava jurado de morte (Mt 26,1-7; Mc 14,1-3). No Evangelho de Lucas, por sua vez, conta-se que uma *mulher*, com fama de *pecadora, perfumou os pés de Jesus na casa do fariseu Simão*, aproveitando o conteúdo do *frasco de perfume* trazido por ela (Lc 7,37-38). No quarto Evangelho, também é apresentada uma cena paralela ao que se lê em Mateus e Marcos, sendo que nesta narrativa *Maria, irmã de Lázaro, perfuma os pés* de Jesus em Betânia (Jo 12,3). Contudo, na cena narrada por João, não se menciona, de forma expressa, um frasco, mas apenas o *perfume*.

Comparando as diversas cenas nas quais uma *mulher* se aproxima de Jesus a fim de lhe perfumar os *pés* (Lc 7,38.46; Jo 12,3) ou a *cabeça* (Mt 26,7; Mc 14,3), somente o Evangelho de Marcos apresenta a *mulher*

<sup>1</sup> Para destacar o objeto de estudo nesta Comunicação, as citações bíblicas encontram-se grafadas em itálico.

como *aquela que rompeu ou quebrou o frasco* (cf. Mc 14,3e: συντρίψασα τὴν ἀλάβαστρον). À primeira vista, aparenta ser um ato extravagante ou até irracional. Ainda que a *mulher* de Betânia estivesse usando o líquido precioso contido no *frasco* para oferecer conforto a Jesus, por que, porém, *romper* e, com isso, destruir e inutilizar o recipiente? Não seria melhor preservá-lo e usá-lo novamente? Em todo caso, o ato de *romper o frasco* surpreende o ouvinte-leitor do Evangelho de Marcos, pois não se percebe, de forma imediata, o significado do gesto realizado pela mulher em Betânia. Achar eventuais conotações simbólico-teológicas desse comportamento constitui o objeto da pesquisa aqui apresentada.<sup>2</sup>

Metodologicamente, preveem-se três passos neste estudo. Primeiro, um olhar para as pesquisas histórico-arqueológicas a respeito dos *frascos de perfume* nas culturas do mundo antigo, com atenção especial à palavra *alabastro*. Segundo, a investigação semântica do vocábulo *romper*, com enfoque nos paralelismos do contexto linguístico do Novo Testamento.<sup>3</sup> Terceiro, a procura pelo eventual significado simbólico-teológico do gesto realizado pela mulher que, em Betânia, ao *romper o frasco de perfume, despejou* ou *verteu* o seu conteúdo *sobre a cabeça* de Jesus (Mc 14,3).

## Os frascos de perfume no mundo antigo

O vocabulário para pequenos recipientes fechados, nos quais são guardados óleos e unguentos perfumados para o cuidado do corpo, é múltiplo na língua grega. Os conceitos, em geral, indicam

<sup>2</sup> O *rompimento do frasco*, em geral, não ganha maior atenção nos estudos de Mc 14,3-9, no sentido de serem investigados os pormenores do eventual significado teológico desse ato. No Brasil, o estudo mais extenso sobre o trecho em questão é de Cláudio Vianney MALZONI [*Jesus em Betânia (Mc 14,3-9): um gesto de generosidade e ternura no início do relato da Paixão*. São Paulo: Paulinas, 2010]. O autor ora descreve uma variante ao verbo *romper* (συντρίβω) nos manuscritos antigos (cf. p. 21), ora realça que Marcos, comparado a Mateus, traz o detalhe do rompimento do frasco (cf. p. 77); no mais, menciona São Jerônimo, que, em sua “interpretação simbólica e espiritual”, afirma que “romper o alabastro é romper o desejo carnal” (p. 107-108).

<sup>3</sup> Cf. Uwe WEGNER. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal, 72014, p. 152.

determinadas formas de frascos, no sentido de serem observados os pés mais baixos ou altos, os corpos mais globulares e bojudos ou mais cilíndricos, finos e/ou ovoides, a presença ou ausência de alças, assim como os diferentes tipos de gargalos. Outra questão seria ainda a pesquisa das decorações e da qualidade dos materiais usados para a confecção dos recipientes.

Pensando na forma, o termo “aríbalo” (ἀρύβαλλος) traz à mente um frasco pequeno de corpo globular, com alça(s) e gargalo curto e estreito, tendo este último um acabamento largo e redondo. Outra forma clássica de frascos gregos para armazenar perfume é o “Ídio” (λίδιον), o qual recebeu o seu nome da região da Lídia, na Ásia Menor. Trata-se de unguentários mais altos, com pés maiores, uma parte bojuda para conter o perfume, um gargalo mais largo com acabamento e sem alça. Outra forma mais alta de frascos gregos para perfume, porém, de forma cilíndrica e fina, com alça e gargalo fino, é chamada de “lécito” (λήκυθος). Há que se lembrar também o “asco” (ἀσκός), recipiente com corpo bojudo, alça e bocal curto e estreito. Originalmente, o asco indica uma *bolsa* ou um *odre* de pele de animal, em geral de cabra (cf. Mt 9,17; Mc 2,22; Lc 5,37.38). Os ceramistas, por sua vez, imitaram o odre feito de pele para fabricar, com forma semelhante, recipientes de barro ou argila. Existe também a “pequena ânfora” (ἀμφορίσκος), semelhante à ânfora maior (ἀμφορεύς), com duas alças, forma mais cilíndrica, pé e gargalo. Outro recipiente para óleos e unguentos, em forma de um jarro com alça, corpo bojudo e gargalo longo é chamado de “epíchysis” (ἐπίχυσις), sendo que este vaso, por causa de seu bico fino que dá continuidade ao gargalo, permitia derramar o líquido de forma bem acertada. Aliás, o mesmo termo grego significa também “libação”. Ainda é preciso falar do “exáleiptron” (ἐξάλειπτρον), termo que, na antiga Grécia, se refere a um recipiente mais largo do que alto, fixado em cima de um pé maior ou um tripé, fechado com uma tampa. A forma lembra a latinha de talco das nossas avós. Na Septuaginta – tradução grega do Antigo Testamento, elaborada nos séculos III-II a.C. –, este termo traduz a palavra hebraica *vaso de unguento* (veja ἐξάλειπτρον para הַקְּרָרָה, em Jó 41,23).

Finalmente, é preciso analisar a palavra grega *alabastro* (ἀλάβαστρον), usada pelos autores do Novo Testamento quando falam

sobre um *frasco de perfume* (Mt 26,7; Mc 14,3d.e; Lc 7,37). As demais expressões para unguentários mencionadas acima não aparecem na segunda parte da Bíblia cristã. O *alabastro*, na Grécia antiga, indica um recipiente menor, cilíndrico, em forma de pera, sem alça e com gargalo curto, sendo que este último, recebendo um acabamento horizontal, consiste apenas numa extensão estreitada do ventre bojudo. Também não existe um pé mais elaborado para o frasco. Apenas se horizontaliza a parte inferior do corpo ovoide, a fim de que o recipiente possa se manter em pé.<sup>4</sup> Com isso, o *rompimento de um alabastro* não consistia na quebra de um gargalo fino e longo. Este último, pois, é praticamente inexistente. O *rompimento* de um *alabastro* envolve, por sua vez, toda a parte mais estreita e superior do recipiente, a fim de alargar o lugar pelo qual a essência é forçada a sair.

Contudo, o termo “alabastro” (ἀλάβαστρον) não se refere apenas a determinada forma de frasco de perfume, mas lembra também o mineral do carbonato de cálcio cristalizado. “No Egito, ele foi usado para fazer pequenas vasilhas, vasos ou frascos de perfume a partir da terceira dinastia”.<sup>5</sup> Quer dizer, o *alabastro* já era usado no terceiro milênio a.C., pois a terceira dinastia corresponde aos cinco faraós que governaram o Egito no século XXVII a.C. Ou seja, há mais de quatro mil anos, já se fabricavam unguentários, seja de pedra preciosa do *alabastro*, seja de “ônix, cristal, pórfiro ou outros materiais resistentes, como também caixas de madeira trabalhada ou de marfim”.<sup>6</sup> Existiam minas de alabastro de qualidade superior, ou seja, de cor branca, no alto Egito, que corresponde ao sul do país, como também na península do Sinai; enquanto o alabastro de qualidade inferior, de cor amarela, também era encontrado na Palestina. Sendo assim, a partir da época do Bronze Médio (2000-1550 a.C.), houve, nas terras cananeias – onde posteriormente iria nascer também Israel –, tanto

<sup>4</sup> Confira as formas dos recipientes gregos para óleos e unguentos no site [https://de.wikipedia.org/wiki/Liste\\_der\\_Formen,\\_Typen\\_und\\_Varianten\\_der\\_antiken\\_griechischen\\_Fein-\\_und\\_Gebrauchskeramik](https://de.wikipedia.org/wiki/Liste_der_Formen,_Typen_und_Varianten_der_antiken_griechischen_Fein-_und_Gebrauchskeramik). Acesso em: 12 jul. 2015. No que se refere ao vocabulário grego, veja Isidoro PEREIRA, *Dicionário Grego – Português e Português – Grego*. Braga, Portugal: Tilgráfica, 81998.

<sup>5</sup> Verbete “Alabaster”. In: Avraham NEGEV e Shimon GIBSON (Ed.). *Archaeological Encyclopedia of the Holy Land*. Nova York/Londres: Continuum, 2001, p. 28.

<sup>6</sup> Eugène RIMMEL. *Libro de los perfumes*, Madrid: Hiperión, 22002, p. 28.

uma produção local de recipientes de perfume feitos de alabastro como também a importação desses recipientes do exterior. Isso vale ainda para o período dos romanos.<sup>7</sup> No que se refere aos frascos de perfume em Israel, é preciso lembrar também dos pequenos unguentários encontrados nas cavernas de sepultamento no Vale de Hinom, que pertencem aos séculos VI a V a.C.<sup>8</sup>

Observando o uso do termo *alabastro* nos Evangelhos (Mt 26,7; Mc 14,3d.e; Lc 7,37), tem-se a impressão de que se trata de algo mais específico e provavelmente precioso. Caso fosse um objeto mais comum, ter-se-ia usado o termo grego mais genérico *vaso*, *receptáculo* ou *objeto* (τὸ σκεῦος), o qual ocorre vinte e três vezes no Novo Testamento (Mt 12,29; Mc 3,27; 11,16; Lc 8,16; 17,31; Jo 19,29; At 9,15; 10,11.16; 11,5; 27,17; Rm 9,21.22.23; 2Cor 4,7; 1Ts 4,4; 2Tm 2,20.21; Hb 9,21; 1Pd 3,7; Ap 2,27; 18,12<sup>2x</sup>). Contudo, em nenhum destes usos o termo indica um pequeno unguentário ou frasco de perfume. Pelo contrário, ao falarem de *frasco de perfume*, os evangelistas Mateus, Marcos e Lucas usam o termo *alabastro*. Com isso, o ouvinte-leitor, em princípio, percebe que se fala de algo diferente e mais raro, seja quanto à forma, seja quanto ao material. Contudo, é preciso realçar que o valor de *trezentos denários*, mencionado em Mc 14,5 e Jo 12,5 – sendo que Mt 26,9 fala em  *muito dinheiro* –, se refere à preciosidade da *essência* contida no *alabastro*, e não ao *frasco* em si.

## O rompimento

O verbo aqui traduzido como *romper* (συντρίβω) ocorre sete vezes nos escritos do Novo Testamento (Mt 12,20; Mc 5,4; 14,3; Lc 9,39; Jo 19,36; Rm 16,20; Ap 2,27).

No Evangelho de Marcos, a palavra *romper* (συντρίβω) se encontra somente uma segunda vez. Além de a mulher de Betânia *romper o*

<sup>7</sup> Cf. o verbete “Alabaster”. In: Avraham NEGEV e Shimon GIBSON (Ed.). *Archaeological Encyclopedia of the Holy Land*. Nova York/Londres: Continuum, 2001, p. 28.

<sup>8</sup> Cf. Ulrike BECHMANN. *Duft im Alten Testament*. In: Joachim KÜGLER (Org.). *Die Macht der Nase. Zur religiösen Bedeutung des Duftes. Religionsgeschichte – Bibel – Liturgie*. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2000, p. 60.

*frasco, para derramar o perfume de nardo sobre a cabeça de Jesus* (Mc 14,3), *na região dos gerasenos, (...) um homem possuído por um espírito impuro (...) rompia os grilhões colocados em seus pés, a fim de dominá-lo* (Mc 5,1-4). O fato de a presença do verbo *romper* ou *quebrar* se limitar a Mc 5,4 e Mc 14,3 chama maior atenção do ouvinte-leitor, ligando o ato da mulher em Betânia ao comportamento do geraseno. Ela *rompeu o frasco* como o homem de Gerasa *rompia os grilhões*. O geraseno, aparentemente avaliado como doente e/ou louco perigoso, insistia em sua liberdade. Por isso, de forma irracional para os expectadores externos, *rompia* o que o prendia, embora, em liberdade, apenas *gritava e se feria com pedras* (Mc 5,5). Como, no entanto, avaliar, a partir desse paralelismo, o ato da mulher em Betânia, sendo que ela, aparentemente, também *rompe* um objeto que ainda lhe poderia ser útil? Seria ela irracional, louca ou doente? Ela, de fato, faz parte daquelas pessoas que chegam a *romper, quebrar* ou *despedaçar* coisas.

Os outros paralelismos do verbo *romper* (συντρίβω) no Novo Testamento não têm o mesmo grau de proximidade, por não fazerem parte da mesma obra literária. Mesmo assim, ao falarem em *rompimento*, é possível que indiquem um modo de pensar que, talvez, lance alguma luz sobre o gesto realizado pela mulher que *rompe o frasco* em Betânia. Cronologicamente, a elaboração da Carta aos Romanos, nos anos 55/56 d.C., antecede, por mais de uma década, a redação final do Evangelho de Marcos.<sup>9</sup> Paulo afirma, quase no final de sua Carta, que *o Deus da paz, com rapidez, quebrará Satanás debaixo dos pés* de seus ouvintes-leitores (Rm 16,20). Por acaso, a mulher que perfuma Jesus em Betânia, ao *romper o frasco* (cf. συντρίψασα τὴν ἀλάβαστρον em Mc 14,3), não se tornou semelhante a Deus, que se propõe a *romper opositor* (cf. συντρίψει τὸν σατανᾶν), e isso, justamente, ao aceitar o projeto de vida de Jesus, sendo que este, ao insistir na verdade do Reino de Deus, aceitava a possibilidade de uma morte violenta? Com isso, o *rompimento do frasco* ganharia uma forte conotação simbólico-teológica, algo a ser discutido no próximo parágrafo.

<sup>9</sup> Cf. as informações em Günther BORNKAMM. *Paulo: vida e obra*. Santo André: Academia Cristã, 2009, p. 164.

Também o paralelismo com Ap 2,27 é interessante. O livro do Apocalipse acolhe, em sua argumentação, o Salmo 2,8-9 e sua imagem do *vaso rompido*. Imagina-se, pois, que ao *vencedor* em Tiatira – identificado como o fiel que *observa a conduta do Filho de Deus até o fim* – seja atribuída *autoridade sobre as nações*, no sentido de estas últimas serem *rompidas* ou *quebradas como um vaso feito de cerâmica* (cf. Ap 2,27: ὡς τὰ σκεύη τὰ κεραμικὰ συντρίβεται; ver também o texto grego de Sl 2,9 na Septuaginta: ὡς σκεῦος κεραμέως συντρίψεις). Quer dizer, o *vaso rompido* representa as nações opositoras. O Apocalipse ilustra como os Salmos marcaram o imaginário do cristianismo primitivo. Suas metáforas, como a do *vaso rompido* (Sl 2,9), também influenciaram o pensamento do Evangelho de Marcos e o de seus ouvintes-leitores. Sendo assim, é provável que o *rompimento do alabastro* em Betânia tenha uma dimensão simbólico-teológica.

Outros paralelismos do verbo *romper* no Novo Testamento insistem na ideia contrária: a de que algo *não está sendo quebrado*. É o caso do *caniço rachado*, o qual *o servo de Deus não rompe* (Mt 12,20; Is 42,3), ou de Jesus como cordeiro pascal e justo, do qual *não se quebra nenhum osso* (Jo 19,36; Ex 12,46; Sl 34,21). A Septuaginta, ao traduzir para o grego Ex 12,46 e Sl 34,21, trabalhou novamente com uma forma do verbo *romper* ou *quebrar* (συντρίβω). Assim, o *frasco rompido* pela mulher em Betânia traz à mente, em forma de contraste, aquele que *não teria seu osso quebrado*.

O quanto, por sua vez, é possível uma pessoa ser vista como *rompida* ou *quebrada*, ilustra o menino epilético em Lc 9,39, último paralelismo neotestamentário do verbo aqui estudado. Neste caso, o pai do menino comunica sua impressão de que *um espírito* estava *rompendo* ou *quebrando* (συντρίβον) seu filho. Com isso, percebe-se outra vez que o gesto realizado pela mulher que *rompe o frasco de perfume* pode facilmente adquirir dimensões simbólico-teológicas de maior alcance, ultrapassando as dimensões puramente materiais do acontecimento.

## As dimensões teológicas do rompimento do frasco

Em Mc 14,3-9 não se diz, de forma direta, algo sobre o valor material do *frasco*. No entanto, o fato de o *frasco* conter um *perfume de nardo puro e muito caro* (v. 3) valoriza indiretamente também o recipiente. Talvez o valor do *frasco* faça parte do valor do *perfume*. Caso o *perfume* fosse vendido por *trezentos denários* (v. 5), provavelmente o recipiente faria parte do negócio.

Por outro lado, em Mc 14,3-9, o *frasco*, que ganha seu valor com o *perfume*, contrasta com outros elementos apresentados na narrativa. Primeiramente, o significado do nome do lugar traz uma ideia contrária à riqueza. *Betânia* (cf. v. 3: Βηθάνια), pois, parece transliterar a expressão hebraica *casa da humilde* ou *casa da humilhada*, no sentido de *casa da oprimida* ou *casa da curvada* (בֵּית עֲנִיָּה). No caso, o segundo substantivo – formado a partir da raiz verbal ענה II: *curvar, oprimir, humilhar* – apresenta a terminação do gênero feminino. Também se fala, em Betânia, sobre os *pobres* (cf. πτωχοίς no v. 5), os quais são vistos como necessitados de ajuda. Além disso, a *casa* em Betânia pertence a *Simão, o leproso* (v. 3). Por mais que este já não esteja mais enfermo – “pois se ainda o fosse, possivelmente estaria excluído do convívio social” –, a menção da doença traz à mente a ideia do sofrimento e da possível miséria.<sup>10</sup> Além disso, sabe-se que Jesus, presente em Betânia, já havia sido jurado de morte em Jerusalém (Mc 14,2). Tal fato destaca, outra vez, a miséria humana e a dramaticidade nela incluída. Contudo, em meio a esse cenário marcado por *humildade, pobreza, doença e perseguição*, o “frasco de perfume” representa um contraste.

O nome da *mulher* (v. 3), dona do *frasco* e do *perfume* nele contido, não é apresentado no Evangelho segundo Marcos. Sua ação de *ungir e/ou perfumar* Jesus traz à memória do ouvinte-leitor unções messiânico-régias (cf. 1Sm 16) e embalsamentos fúnebres, nos quais o corpo era preparado para o *sepultamento* (cf. v. 8; Mc 16,1; Lc 24,1). No contexto do Evangelho, ambas as conotações podem ganhar importância em vista da *unção* promovida pela mulher em Betânia. Jesus,

<sup>10</sup> Cláudio Vianney MALZONI. *Jesus em Betânia (Mc 14,3-9): um gesto de generosidade e ternura no início do relato da Paixão*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 34.

pois, é contemplado como *rei* (cf. Mc 15,2.9.12.18,26.32). E, dois dias após sua *unção* em Betânia, Jesus é *sepultado* (cf. Mc 14,1).

Outro detalhe chama a atenção de quem lê a narrativa em Mc 14,3-9. A refeição em Betânia é vista como uma ceia, na qual a presença da mulher, em princípio, surpreende. Ante a cultura daquele momento, aparentemente, “cria-se a imagem de uma mulher que não combina com os valores convencionais de uma moral virtuosa”, justamente por ela se fazer presente num ambiente reservado aos homens.<sup>11</sup> No entanto, sabe-se que Jesus ceava com pessoas tidas como imorais. Em outra cena, pois, ele é apresentado como quem se encontra *reclinado à mesa com coletores de impostos e pecadores* (Mc 2,15). Mais ainda: o Evangelho segundo Mateus relata que Jesus, poucos dias antes de sua morte, no decorrer das controvérsias na praça do Templo, disse aos *sumos sacerdotes e anciãos* que *coletores de impostos e prostitutas iriam à frente deles rumo ao Reino de Deus* (cf. Mt 21,31-32). Além disso, “o Evangelho de Marcos fala positivamente de pessoas que atuam de forma autônoma e se afirmam contra resistências”.<sup>12</sup> A mulher de Betânia parece fazer parte delas.

Todavia, quanto às eventuais conotações simbólicas da *unção* de Jesus e à identidade e presença da *mulher* durante a ceia em Betânia, incertezas acompanham o ouvinte-leitor do Evangelho. Com isso, a atenção há de se voltar para o que está sendo narrado de forma mais direta. Nesse sentido, vale a pena direcionar a atenção mais uma vez ao detalhe do *rompimento do frasco* (v. 3e), mencionado no Evangelho de Marcos. Aparentemente, a mulher “quebra propositalmente o frasco de alabastro, no qual se encontrava a essência”.<sup>13</sup> O que esse gesto indicaria, além das possíveis conotações simbólico-teológicas já mencionadas aqui?

---

<sup>11</sup> Ekkehard W. STEGEMANN; Wolfgang STEGEMANN. *Urchristliche Sozialgeschichte. Die Anfänge im Judentum und die Christengemeinden in der mediterranen Welt*. Stuttgart: Kohlhammer, 21997, p. 327.

<sup>12</sup> Carsten JOCHUM-BORTFELD. *Die Verachteten stehen auf. Widersprüche und Gegenentwürfe des Markusevangeliums zu den Menschenbildern seiner Zeit*. Stuttgart: Kohlhammer, 2008, p. 22.

<sup>13</sup> Ludger SCHENKE. *Das Markusevangelium. Literarische Eigenart – Text und Kommentierung*. Stuttgart: Kohlhammer, 2005, p. 313.

Na prática, o *rompimento do frasco* permite imaginar que o *nardo* nele contido foi usado inteiramente. Com o recipiente *quebrado*, pois, não faria sentido querer guardar parte da essência aromática, mesmo que tenha sido *rompido* apenas o gargalo ou a parte superior do *alabastro*. Afinal, a *mulher* inutilizou o *frasco* ao *rompê-lo*. Da mesma forma, o recipiente não iria servir para receber, posteriormente, outro e/ou um novo conteúdo. Com isso, percebe-se melhor a intenção da *mulher*. Ela se propôs a investir o valor inteiro do *frasco* e do *perfume*. O fato de o *nardo*, de forma expressa, ser caracterizado como *puro*, ou seja, *genuíno* (v. 3d: πιστικῆς) – no sentido de não ter sido produzido à base de azeite ou misturado com outras essências menos custosas – apenas sublinha o espanto com o valor gasto. Afinal, o *perfume* é avaliado como  *muito caro* (v. 3d: πολυτελοῦς), algo correspondente a *trezentos denários* (v. 5).

Assim, o ato da *mulher*, ou seja, o fato de ela *romper o frasco* e usar todo o seu conteúdo para *ungir* Jesus, evidencia desapego a um bem material e talvez também a algo de maior valor sentimental. Trata-se de um desprendimento, até no sentido de desistir de algo que poderia garantir a sobrevivência em uma situação de maior necessidade. A *mulher* revela prodigalidade, dissipando inteiramente um bem que lhe pertencia, em benefício de outro. Ou seja, ela se entregou e se doou inteiramente, sem guardar algo para si. Assim, a *mulher* que *ungiu* Jesus em Betânia se assemelha à *viúva* que, no templo de Jerusalém, *ofereceu tudo quanto tinha*, ou seja, *toda a sua vida* (Mc 12,44), confiando simplesmente na providência divina.

Por outro lado, como o *frasco* foi *rompido* para o *nardo* nele contido ser *derramado sobre a cabeça* de Jesus, a *mulher* anônima insistiu, em Betânia, na unicidade e no preço incalculável daquele que iria morrer apenas dois dias depois. Enfim, justamente ao conjugar os elementos do desapego e desprendimento de um bem pessoal, a fim de investi-lo integralmente em quem não tem preço, aparecem, para os ouvintes-leitores do Evangelho de Marcos, outras dimensões teológicas importantes do *rompimento do frasco*.

## Referências bibliográficas:

- BECHMANN, Ulrike. *Duft im Alten Testament*. In: KÜGLER, Joachim (Org.). *Die Macht der Nase. Zur religiösen Bedeutung des Duftes. Religionsgeschichte – Bibel – Liturgie*. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2000. Coleção: Stuttgarter Bibelstudien, 187.
- BORNKAMM, Günther. *Paulo: vida e obra*. Santo André: Academia Cristã, 2009.
- JOCHUM-BORTFELD, Carsten. *Die Verachteten stehen auf. Widersprüche und Gegenentwürfe des Markusevangeliums zu den Menschenbildern seiner Zeit*. Stuttgart: Kohlhammer, 2008.
- MALZONI, Cláudio Vianney. *Jesus em Betânia (Mc 14,3-9). Um gesto de generosidade e ternura no início do relato da Paixão*. São Paulo: Paulinas, 2010. Coleção: Exegese.
- NEGEV, Avraham; GIBSON, Shimon (Ed.). *Archaeological Encyclopedia of the Holy Land*. Nova York/Londres: Continuum, 2001.
- PEREIRA, Isidoro. *Dicionário Grego – Português e Português – Grego*. Braga, Portugal: Tilgráfica, <sup>8</sup>1998.
- RIMMEL, Eugène. *Libro de los perfume*. Madrid: Hiperión, <sup>2</sup>2002.
- SCHENKE, Ludger. *Das Markusevangelium. Literarische Eigenart – Text und Kommentierung*, Stuttgart: Kohlhammer, 2005.
- STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *Urchristliche Sozialgeschichte. Die Anfänge im Judentum und die Christengemeinden in der mediterranen Welt*. Stuttgart: Kohlhammer, <sup>2</sup>1997. [Tradução brasileira: *História social do protocristianismo. Os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Paulo/São Leopoldo: Paulus/Sinodal, 2004.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento. Manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal, <sup>7</sup>2012.